



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GONTIJO, Camila Andrade; VOLPI Sandra Mara. Grupo de Movimento: transformar o corpo, para transformar o mundo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

GRUPO DE MOVIMENTO: TRANSFORMAR O CORPO, PARA TRANSFORMAR O MUNDO

**Camila Andrade Gontijo
Sandra Mara Volpi**

RESUMO

O presente trabalho visa discutir como a nossa sociedade e cultura vem influenciado a relação que temos com os nossos cinco sentidos, priorizando os sentidos de distância (visão e audição) e negligenciando nossos sentidos de proximidade (olfato, paladar e tato), dessa forma limitando nossa percepção sob a realidade interna/ externa e a construção de laços afetivos. Desse modo, vejo o Grupo de Movimento como uma das formas de insurgir ao que está posto e assim nutrir os nossos sentidos de proximidade, principalmente o tato que é o maior constituidor de laços afetivos entre os mamíferos, que nós enquanto humanos fazemos parte.

Palavras-chave: Cinco sentidos. Grupo de Movimento. Sentidos de distância. Sentidos de proximidade. Sociedade.

A proposta desse trabalho é levantar como a nossa cultura e sociedade urbanizada vem influenciado a nossa relação com os nossos cinco sentidos, priorizando os sentidos de distância (visão e audição) e negligenciando nossos sentidos de proximidade (olfato, paladar e tato), dessa forma limitando a percepção a respeito da realidade interna/externa e também a constituição de laços afetivos. Considerando a importância de se fazer algo a respeito disso, para mediar de forma micro, os impactos na relação com o nosso corpo, o Grupo de Movimento se mostra enquanto um aliado, para que possamos trabalhar os sentidos de proximidade de forma conjunta, afim de sensibiliza-los, principalmente o tato que é o maior constituidor de laços afetivos entre os mamíferos.

De acordo com Patzdorf (2022) as sociedades urbanizadas que estamos acostumados a viver, tem como base, os nossos sentidos de distância que privilegiam a audição e a visão, uma cultura áudio/visual que se conecta muito mais rápido as tecnologias que foram desenvolvidas. Os sentidos de proximidade, como o tato, o paladar e o olfato são cada vez mais negligenciados nesse contexto, pois não é possível que funcionem dessa forma rápida e objetiva. Assim a cultura em que vivemos é cada vez mais envolvida pela ausência do toque, produzindo consequências que iremos abordar ao longo do corpo do texto.

Segundo Taylor (2007 citado por CAMARGO 2016) é a partir dos cinco sentidos que percebemos e interpretamos a nossa própria realidade interna (eu) e a realidade externa (outros/mundo) e todos eles têm o mesmo grau de importância. Usamos a visão, a audição, o



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GONTIJO, Camila Andrade; VOLPI Sandra Mara. Grupo de Movimento: transformar o corpo, para transformar o mundo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

olfato, o paladar e o tato para entrar e contato e nos relacionar com tudo o que nos cerca. Tanto o meio interno, como o meio externo nos oferecem variadas sensações e é a partir dos órgãos do sentindo e do sistema nervoso que nos tornamos capazes de perceber. A realidade é construída por nós a partir das experiências sensoriais que temos com o mundo. Patzdorf (2022) propõe o seguinte questionamento “o que estamos deixando de perceber/sentir ao banir os sentidos de proximidade?” provavelmente muita coisa.

Para Patzdorf (2022) os meios digitais provocam a heteronomia dos nossos sentidos, ou seja, perdemos a autonomia e controle sobre eles, sendo essa uma das formas de controle mais ardilosas do neoliberalismo, porque parte de dentro do nosso corpo. Nós “voluntariamente” abdicamos da nossa atenção e do nosso tempo livre para ficarmos imersos nesses dispositivos que nos tornam viciados de tal maneira que não conseguimos ficar muito tempo sem olhar para as telas.

Turcke (2010, citado por RODRIGUES e ROBLE, 2015) diz que estamos vivendo em uma sociedade excitada, inquieta e cada vez mais estimulada incessantemente pelos meios de comunicação. Mas ao mesmo tempo que os estímulos são contínuos e crescentes também são restritos, por serem muito específicos. A estimulação ocorre por choques imagéticos, ou seja, visuais por meio das telas que nos separam do mundo que pode ser experienciado corporalmente.

De acordo com Patzdorf (2022) os meios digitais também fazem com que os nossos sentidos fiquem voltados sempre para fora, apegados em uma dinâmica extrovertida, o que os tornam limitados em sua capacidade total, porque existe uma outra face da realidade que acabamos fazendo menos contato, a nossa realidade interna que para termos mais contato é necessário uma capacidade de introversão dos sentidos. Consequentemente ocorre uma grande valorização de personalidades cada vez mais extrovertidas em nossa sociedade que estimulam esses comportamentos, fazendo que essa movimento para exterioridade ocorra cada vez mais.

Segundo Patzdorf (2022) estamos carentes de experiências de toque e nossos corpos desconhecem a própria intimidade. Dessa forma estamos nos reconhecendo e experienciando o mundo a partir do que podemos apenas ver e mostrar: as imagens. Assim, a capacidade de um corpo ocidental de se relacionar com seus semelhantes está cada vez mais prejudicada quando se compara com a capacidade de se relacionar com os bens de consumo e com as tecnologias, com frequência não conseguimos nem nos comunicar com nossa própria família ou fazer novas amizades.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GONTIJO, Camila Andrade; VOLPI Sandra Mara. Grupo de Movimento: transformar o corpo, para transformar o mundo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

Para Patzdorf (2022) a carência que sentimos enfatiza que não basta a gente estar rodeado de milhares de pessoas para que a nossa fome de contato humano seja saciada, seja nas redes sociais ou seja no centro de alguma cidade grande, a sensação de carência prevalece porque há uma fratura social, sensorial e sanitária (que ocorreu com a pandemia) que nos impede de curtir do principal sentido constituidor de laços afetivos, o tato.

De acordo com Luan (2015, p.100 citado por CAMARGO 2016):

“A pele é o primeiro órgão dos sentidos humanos a se desenvolver desde a concepção. Antes de o embrião ter olhos e orelhas, a pele já está em perfeito desenvolvimento. Outros órgãos dos sentidos, como a visão, a audição, o paladar e o olfato são envolvidos pela pele: a córnea do olho, o ouvido interno, a língua e as fossas nasais. Pode-se viver se utilizar os olhos ou qualquer dos outros órgãos dos sentidos, mas não há como um indivíduo viver sem a pele. A pele pode ser considerada um grande filtro que discrimina o interno do externo e vice-versa.” É uma fronteira, um contorno, um limite.

De acordo com Huxley (2009, citado por RODRIGUES e ROBLE, 2015) nossa educação majoritariamente verbal, não leva em conta que experimentar os sentidos amplia a nossa percepção. Dessa forma Patzdorff (2022) nos alerta para a centralidade que as palavras vêm obtendo na percepção da realidade a partir dessa cultura digitalizada como se elas pudessem substituir a experiência, as sensações, pela representação ou pelo significado.

Reich (1993), muito antes também já dizia algo a respeito disso, que parte das nossas experiências mais significativas, não estão necessariamente relacionadas só as palavras, as imagens e aos sons, mas também ao toque, ao cheiro, ao gosto, todas essas experiências não verbais. Para Reich (1993) o organismo vivo possui uma linguagem expressiva própria, antes de, para além de e independente de toda a linguagem verbal.

É a partir dessa noção que Reich (1993) se refere à linguagem corporal e aos traços de caráter como pertencentes ao nosso corpo e psiquismo. Que se expressa em como fazemos o que fazemos, nas formas, nos jeitos, nas nossas maneiras comuns de agir e de reagir, na forma como expressamos nossos sentimentos e emoções. Nas posturas, nas gesticulações, no modo de andar, de sentar, de comer, de falar, nas formas de olhar, nos tons de voz, etc. Vamos adquirindo todo esse repertório, antes mesmo da linguagem. A partir dos movimentos expressivos e da expressão do corpo é possível perceber e identificar emoções como raiva, tristeza, alegria, medo, etc.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GONTIJO, Camila Andrade; VOLPI Sandra Mara. Grupo de Movimento: transformar o corpo, para transformar o mundo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

Segundo Reich (1993) a fala humana como forma de expressão é desenvolvida em uma fase “avançada” do desenvolvimento humano, estando o organismo vivo, em pleno “funcionamento” muito antes de existir uma linguagem e representações verbais para se comunicar. Muitos marcos importantes ocorrem ainda no período pré-verbal. Para Reich (1993) a linguagem deriva da percepção de movimentos internos e de sensações de órgãos, e as palavras que descrevem estados emocionais refletem diretamente o movimento expressivo do organismo vivo. Apesar de a linguagem refletir o estado emocional de maneira imediata, ela não é sempre capaz de alcançar esse estado em si.

A razão disso para Reich (1993) é que o início do funcionamento da vida é muito mais profundo do que a linguagem e está além dela. Por isso assim como a fala, o corpo comparece na psicoterapia corporal e é convidado a se expressar, a se perceber, a estar junto dele, nesse sentido podemos dizer que o corpo é anterior a palavra.

Para Patzdorf (2022) estamos utilizando em demasia a comunicação verbal, excluindo a linguagem não-verbal principalmente nos meios de comunicação virtuais. A linguagem dos sentidos que todos aprendemos, amplia nossa valorização do outro e do mundo que habitamos e nos auxilia a compreender a forma com que nos relacionamos com eles. Tocar é a principal dessas linguagens, a comunicação através do toque é um grande alicerce para se criar relacionamentos humanos e fundamentar experiências.

Para Patzdorf (2022) a nossa intensa carência é devido a grande ausência de experiências sensoriais que vivemos desde a infância até a velhice, retroalimentando uma insatisfação que se torna crônica em relação a vida, que leva ao consumismo, porque nossa “fome de pele”, de toque, de contato, de carinho não consegue ser suprida pelo nosso entorno.

Diante de tudo que foi exposto no presente trabalho, percebo o Grupo de Movimento, como um recurso para lidar com os efeitos que a nossa sociedade e cultura vem produzindo em nossos corpos e relações, por ser justamente um trabalho realizado de forma grupal, pode ter efeito potencializador na interação com outras pessoas, na construção de laços afetivos e também na relação consigo próprio, partindo de um movimento de dentro para fora, mas também de fora para dentro. Para Patzdorf (2022) “qualquer transformação do mundo, exige, primeiramente uma transformação no próprio corpo” e é isso que estamos buscando nesses dois sentidos propondo o Grupo de Movimento.

Para Sofiati (2023) o Grupo de Movimento é uma ótima forma de trabalho em grupo, porque além de trabalhar o fluxo de energia no corpo, trabalha as relações humanas, a forma



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GONTIJO, Camila Andrade; VOLPI Sandra Mara. Grupo de Movimento: transformar o corpo, para transformar o mundo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

como lidamos com o outro e convivemos com os outros em sociedade, sendo um espaço de sons, gestos, olhares, onde é possível experienciar a interpessoalidade de formas diferentes.

Reich (1933, citado por GAMA e REGO, 1994) em *Psicologia de Massas do Fascismo*, coloca que a repressão da sexualidade, do prazer e das emoções feitas pelas estruturas sociais tem função psicocultural e socioeconômica, de formar pessoas adaptáveis ao que está posto, ou seja, em estruturas sociais fomentadas no autoritarismo, opressão e exploração. Nesse sentido Reich afirmava que para que fosse possível existir sociedades democráticas e igualitárias, era necessário antes a existência de cidadãos livres e isso só seria possível por meio da eliminação dos mecanismos culturais repressivos da emoção, da sexualidade e do prazer dentro de cada um dos indivíduos.

Dessa forma para Gama e Rego (1994), os Grupos de Movimento podem contribuir para a construção de uma sociedade mais fraterna e democrática. Contudo ao nos propormos a desenvolver esse tipo de trabalho vamos nos deparar com os agentes do sistema internalizado nas pessoas através da culpa, da vergonha, sensação de pecado, etc. Reich sempre teve uma busca pessoal de apoiar formas de trabalho coletivas, fora do âmbito clínico e individual e o surgimento dos Grupos de Movimento carregam esse seu legado.

Para Sofiati (2023) o corpo de cada indivíduo e a relação entre os corpos de cada um, abarca muito da história pessoal, familiar, de trabalho e da sociedade de forma geral. Os bloqueios e as tensões presentes no corpo de cada um são indicadores de como o poder vai se infiltrando por todo o meio social e se alojou no corpo, impedindo o movimento. Foucault (1992, citado por SOFIATI, 2023) “O poder penetrou o corpo, encontra-se exposto no próprio corpo.” (No texto original não há menção à página de onde a citação foi retirada).

De acordo com Sofiati (2023) é importante pensarmos e levarmos em consideração o sofrimento psíquico a partir dos níveis orgânico-emocional-social, dessa forma poderá ser coletivizado pelo grupo, sendo que não é possível separar os níveis. Quando se trata de sofrimento psíquico, não é possível tratar como algo individualizado, mas sempre a partir de um contexto amplo, histórico-sócio-político-econômico-libidinal.

Foucault, Laing e Szasz (2001, 1990 e 1984, citado por SOFTH, 2023), apontam a “disfunção” psicológica do sujeito como uma resposta saudável dentro de um contexto social adoecido, dessa forma é muito importante incluir o trabalho em grupo. De acordo com Softh (2023) o grupo pode representar uma pequena parte da sociedade, onde as pessoas podem trabalhar seus padrões individuais e interpessoais. Sendo a origem e as manifestações do



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GONTIJO, Camila Andrade; VOLPI Sandra Mara. Grupo de Movimento: transformar o corpo, para transformar o mundo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

sofrimento psíquico socialmente construídas, ou seja, ultrapassando o relacionamento diádico, os grupos se mostram como um instrumento importante de trabalho de questões enraizadas.

A proposta do Grupo de Movimento que será desenvolvida no Congresso do Centro Reichiano, terá como foco a sensibilização do sentido do tato, através do toque como um dispositivo de contato individual e coletivo. Será proposto um caminho vivencial para experimentar e refletir sobre a importância e a potência do toque como um recurso que visa promover primeiramente o contato consigo para posteriormente desenvolver o contato com o outro e com o grupo de forma geral.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, E. VOLPI, S. M. A pele que me toca. In: Volpi, J. H; Volpi, S. M. (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 343- 350. [ISBN – 978-85-69218-01-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

PATZDORF, D. Artista educa-dor: a somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpocidental(izado), 2022.

REICH, W. Análise do caráter. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

RODRIGUES, L. S. ROBLE, O. J. Educação dos sentidos na contemporaneidade e suas implicações pedagógicas, 2015. *Pro-posições*, 26(3), 205-224. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/BnnWnFG7z7mnYTZGszyPKcT/?lang=pt#>

SOFIATI, S. Grupo de Movimento em movimento (uma prática viável em saúde pública). In: Volpi, J. H; Volpi, S. M. (Org.) Apostila do curso de Especialização em Psicologia Corporal. Módulo 4, Unidade 4. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. Acesso em 28/03/23.

SOTH, M. O uso da psicoterapia corporal no contexto da terapia de grupo). In: Volpi, J. H; Volpi, S. M. (Org.) Apostila do curso de Especialização em Psicologia Corporal. Módulo 4, Unidade 4. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. Acesso em 28/03/23.

AUTORA

Camila Gontijo/ Goiânia / GO / Brasil

Psicóloga (CRP 9/13433) formada pela PUC-GO e instrutora de Hatha Yoga pela Unipaz-GO. Atua enquanto psicóloga clínica pela perspectiva da psicologia corporal. Também atua na condução de Grupos de Movimento. Cursando Especialização em Psicologia Corporal, com habilitação para atuar como Psicoterapeuta Corporal Reichiano, pelo Centro Reichiano, Curitiba/PR.

E-mail: camilagontijio@gmail.com

ORIENTADORA

Sandra Mara Volpi / Curitiba / PR / Brasil

Psicóloga (CRP-08/5348) (PUC-PR), Analista Bioenergética (CBT) e Supervisora em Análise Bioenergética (IABSP). Especialista em Psicoterapia Infantil (UTP). Psicopedagoga (CEP-



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

GONTIJO, Camila Andrade; VOLPI Sandra Mara. Grupo de Movimento: transformar o corpo, para transformar o mundo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos>. Acesso em: ____/____/____.

Curitiba). Mestre em Tecnologia (UTFPR). Especialista em Acupuntura clássica e Método Ryodoraku (eletrodiagnóstico computadorizado de medição da energia dos meridianos do corpo). Diretora do Centro Reichiano, Curitiba/PR.

E-mail: sandra@centroreichiano.com.br